

PARA DESATAR FIOS E DESCOBRIR NOVOS DESAFIOS

*Neusa Maria Mendes de Gusmão**

KRAMER, S; Leite, M. I. (org.). *Infância: Fios e Desafios da Pesquisa*. Campinas, São Paulo, Papirus, 1996, 192 pp.

A coletânea "Infância: Fios e Desafios da Pesquisa", voltada para a questão da pesquisa em Educação, chega até nós, colocando em debate a "condição histórica e cultural das crianças", fugindo ao referencial da psicologia e aproximando-se da sociologia, história e antropologia. Na condição de antropóloga, abordo seus conteúdos desfazendo os fios dessa trama, urdida por sete mulheres, em sete artigos escritos em dois eixos: um empírico, outro teórico, ambos complementares entre si. Todos os artigos em debate trazem como pressuposto que a "cultura é produto e processo". Falam, ainda, de "comunidades diferentes, culturas diferentes, compreensões de mundo diferentes..." (Leite, p. 91). Os temas contemplados são: Infância e Educação em Walter Benjamim, de Sonia Kramer; Psicologia do Desenvolvimento, de Solange Jobim e Souza; Leitura e Escrita como Práticas Narrativas, de Maria Luíza M. B. Oswald; Escola e Saber na Área Rural, de Maria Izabel F. P. Leite; Criança e Computador, de Letícia Nogueira; Vozes Infantis e Escola Pública, de Maria Angélica P. Algebaile e, por último, Crianças e Linguagem num Contexto Especial, de Mariângela da S. Monteiro.

As diversas situações e fatos abordados possuem uma mesma fonte inspiradora, centrada em três autores: Vygotsky, Bakhtin e Benjamim. A expressão maior da unidade central de pensamento que norteia os artigos é o fato de que os mesmos não apresentam uma bibliografia singular, mas uma bibliografia comum, ao final da coletânea. A proposta lança seus fios, por quase duzentas páginas de uma viagem rica e bem fundamentada, entrelaçando experiências diversas, embaçadas em um propósito comum e

estruturadas em torno de três universos: *a Criança* - enquanto ser que faz e participa da história; *a Linguagem* - como noção polissêmica e *a Cultura* - como noção dinâmica, produto e processo a um só tempo.

Todos os artigos privilegiam, de forma expressa ou não, uma tríade: a chamada abordagem etnográfica, centrada no cotidiano, as relações dialógicas e as interações sociais e históricas. A tríade expressa por Monteiro (p. 50) é respeitável e desafiadora; no centro dela, vozes infantis e polissêmicas dão o tom da construção teórica e metodológica posta como desafio, no título dessa obra coletiva.

O desafio aqui é outro: como resenhar um texto não linear e único, mas vários, inter cruzando olhares e linguagens, transitando entre campos diversos numa tentativa de aproximá-los? A opção que resta é a de dialogar com o conjunto dos textos sem me deter especificamente em nenhum. Mais que uma resenha, procuro tecer uma trama de fatos suscitados pela leitura da presente coletânea e, assim, abrir outros espaços para futuras reflexões, ou seja, desenlaçar alguns fios e descobrir neles novos desafios.

As pesquisadoras estão preocupadas com "um novo olhar teórico metodológico de pesquisa" (Leite, p. 93) e, assim, não escondem os desafios do fazer de campo e do fazer teórico; apontam problemas metodológicos da pesquisa, dizem das dúvidas e das respostas dadas, revelando a importância de uma metodologia alternativa e o fato de que "a pesquisa não tem fim em si mesma. Cada vez que é lida, é partilhada, é modificada em seu sentido" (Leite, p. 95). Aqui começa, talvez, uma questão pouco resolvida: a do relativismo, tão caro à Antropologia e em voga no debate acadêmico. Dizer que a pesquisa não tem um fim em si mesmo, é perfeitamente correto, em termos do que se espera de um conhecimento que é produzido; no entanto, a segunda parte da afirmação constitui uma ambiguidade.

* Professora da Faculdade de Educação da UNICAMP

O texto escrito pode ser interpretado sob a ótica de quem lê, mas isso não significa que o conhecimento científico de uma dada realidade, descrita pelo texto, seja, ela própria, flexível a tal ponto. Se assim fosse, estaríamos negando o fato de que os dados se inserem numa realidade concreta e de que seu sentido último, qualquer que seja a ótica de quem lê, é também, historicamente determinado. Esta é a razão de se poder elaborar uma pesquisa e fazer resultar dela um conhecimento capaz de permitir, não apenas a apreensão do que é singular, mas também a compreensão do que é geral. Somente nesse sentido, é possível a formulação de hipóteses quanto aos fenômenos analisados e em termos de outras realidades, fato fundamental enquanto conhecimento. Certamente, as autoras não desconhecem tal princípio, mas são necessários certo cuidado com afirmações que possam remeter a outros campos e possibilidades. A única forma de não incorrer em ambiguidade é ter claros os pressupostos e os conceitos que orientam a "leitura" dos dados, e que permitem a construção do texto científico, não de qualquer texto nem consequentemente, de qualquer leitura.

Por essa razão, nesta leitura da obra coletiva, invisto-me da condição de antropóloga e procuro fazer uma leitura que não desconheça o valor de um trabalho que traz como marca que a história e a cultura "podem constituir um enfoque teórico-metodológico de pesquisa cujo eixo seja a linguagem" (Leite, p. 96). Esta parece ser uma outra questão para debate: a linguagem como eixo faz com que se afirme que a infância tem sido pouco tratada pela ciência social (cf. Martins), mas as autoras acabam por privilegiar a linguagem em detrimento de um conceito fundamental, o de cultura, que se revela também na ausência significativa de uma bibliografia a respeito.

Assim, na busca de "forjar outro olhar a infância, outro olhar da criança e não sobre ela..." (Kramer, p. 26), aponta-se para várias questões - singularidade/totalidade - cultura/modernidade - tradição/ressignificação-, tudo no âmbito de possibilidade alternativa e múltipla que envolve uma dimensão filosófica,

política e cultural da infância, e esta como coletivo; envolve a criança como indivíduo social, que se insere na história, na classe social e na cultura, tal como afirma Kramer, inspirada em Benjamim, autor-suporte dessa outra ótica da infância. O valor da reflexão deste grupo de pesquisadoras, tramando, com esse novo olhar uma pedagogia menos psicologizada e mais abrangente, é, por si só, pioneiro, revelando-se no quanto realizam da presente proposta. Para Kramer, trata-se "de entender como os signos da cultura - a linguagem - não só marcam, mas constituem a consciência e a inconsciência" (p. 23).

Na visão desse grupo, o que é então Linguagem?

A questão da Linguagem parece complicada, posto que supõem metodologicamente que a "pesquisa consiga captar, na palavra objetiva a subjetividade da história" (Nogueira, p. 109). Palavra objetiva da criança? Do adulto pesquisador? A palavra é o elemento chave de desvendamento das ideologias, das condições sociais e hierárquicas que condicionam a vida dos sujeitos pesquisados, adquirindo, assim, um peso e uma objetividade que precisariam ser relativizados. O desafio não é inteiramente percebido pelas pesquisadoras, já que dizem ser o texto - composto pelas palavras dos sujeitos, entremeadas pelas palavras das pesquisadoras - "polissêmico, múltiplo, plural", passível de muitas leituras (entre elas, incluo a minha própria leitura). A ressalva é válida, mas a questão é: seria suficiente? Como diz Bakhtin, "nenhum falante é o primeiro a falar sobre o tópico de seu discurso" (p. 139). Em debate aqui a polissemia - de sentido, de significado e de leitura. Como operacionalizar e dar conta da relação posta entre subjetividade e objetividade? Entre realidade e ideologia? Entre ideologia e cultura? Como avaliar a concepção e visão de mundo, tanto da criança quanto do adulto? Ou ainda, trocando a fala: como dar conta desse desafio, no âmbito da linguagem e no espaço da pesquisa, sem contemplar de modo concreto todas as dimensões da cultura?

A cultura é antes uma linguagem que não se exaure na língua, mas que consiste, além da língua adotada por um grupo, em práticas simbólicas não imediatamente exprimíveis em termos linguísticos. Fabietti¹, citando Bruner, afirma que a cultura é também sentimentos e expectativas que chegam a nós “não só verbalmente”, mas também por imagens e impressões. Assim, a função da pesquisa é mais que ver, descrever, interpretar. Ela coloca em questão o diálogo e a polifonia de muitas vozes, como um campo de muitos desafios. Desafios presentes nessa coletânea, mas não inteiramente dimensionados.

Da mesma forma que a palavra - a do outro e a nossa - está em debate, na prática metodológica, a questão do narrador, a questão da experiência de vida e experiência de pesquisa. Qual o papel do pesquisador? O de ouvir e registrar a voz do outro? O grupo de pesquisadoras avança porque ouve e cede lugar a essas vozes que emergem da infância. Avança porque criam mecanismos inovadores de obtenção de dados - literatura, poesia, biografia, memória, iconografia, história oral, cinema - e, constituem o registro dos dados observados, mas, isso é só um primeiro passo.

O que está por ser discutido, são as perguntas nada neutras que nos colocamos e que são culturalmente determinadas. Assim sendo, a função da pesquisa não pode ser apenas - ver, ouvir, descrever, registrar, interpretar - é preciso problematizar os dados etnográficos, de modo a permitir transitar entre universos culturais diversos - o nosso e o de nossos sujeitos.

Esta condição aparece no interior da presente obra, sob a concepção de relações dialógicas - o diálogo como objetivo e como método que estrutura e organiza a polissemia das vozes infantis, em relação e consonância com nossas próprias vozes (das pesquisadoras). Como fica então a questão do contraponto, da contradição e do conflito de vozes diferentes, emitidas desde lugares diversos e que permitem a problematização das muitas falas? As palavras não existem no vazio, mas adquirem significado em relação a outras - neste caso, as das pesquisadoras, seu mundo e cultura.

A resposta consiste na afirmação do re-olhar do mundo, que tem por tônica comum o resgate do “lugar social da criança como um ser que interage com a história de seu tempo, modificando-a ao mesmo tempo que é modificada por ela” (Jobim e Souza, p. 45). Ao mesmo tempo que faz o resgate do olhar adulto autocentrado, modificando-o e com isso superando o monólogo do mundo adulto e instaurando como básica a noção de diálogo, capaz de ouvir outras vozes, as vozes da infância. Um primeiro desafio dessa excelente proposta: *ouvir*, como se a fala - entendida pelas autoras como *linguagem* - bastasse em si mesma, o que coloca em cena um certo empiricismo por vezes contornado, porém, nem sempre. Por vezes, cai-se num teorismo acentuado, que é o outro extremo, e a consequência, em ambos os casos, é a perda do *diálogo* e de tudo o que representa, pois que este pressupõe relações de diversos tipos e não apenas troca equilibrada, em condições de igualdade, entre os sujeitos.

A possibilidade de não cair em armadilha, posta por tais extremos, é bem contornada no artigo de Leite, que faz uma exposição centrada em perguntas que responde via trama do campo e da reflexão teórica, mas aqui também há oscilações; ainda que a autora inove com um texto que, dispensando divisões internas, privilegia a forma da escrita na forma de diálogo. A escrita na primeira pessoa, outra tônica que percorre todos os artigos, não é acidental, mas toma por vetor o sentido do diálogo, inspirado em Bakhtin. O diálogo, no entanto, supõe a relação entre sujeitos, entre eles e a pesquisadora que, numa extensão da idéia de Leite (referindo-se ao papel da escola), faz a “interligação entre o conhecimento espontâneo da comunidade e o conhecimento científico” (p. 85).

Trata-se, então, de diálogo como tradução, que se realiza de acordo com o lugar que cada um ocupa - sujeitos pesquisados e pesquisadoras. Um lugar que define, desde fora, as possibilidades de interação do tradutor e da realidade que busca ouvir, com base no ponto de vista dos sujeitos - neste caso, as crianças e seu

mundo de infância. Aqui a problemática maior é que um não se torna o outro e a tradução que se faz nem sempre dá conta dos significados em jogo. As pesquisadoras se dão conta do fato. Percebem que seus textos são uma interpretação, mas, nesse exercício, esbarram em muitos limites.

Como exemplo pode-se colocar a intensidade de recorrência dos autores básicos (por meio de citações) que chega, por vezes, a expor os sujeitos pesquisados quase como “desculpa” para deixar os autores falarem. É assim que se usa do autor, de forma nem sempre bem dosada, para falar da concepção de linguagem, de cultura, de criança, de infância. Por este motivo, vêem-se mais os fios da pesquisa expostos nas várias propostas (artigos) realizadas, do que propriamente seus desafios, embora estejam todos presentes nos contextos enfocados, revelando a extrema sensibilidade das pesquisadoras e a seriedade de seus trabalhos.

A pergunta de Algebaile (p. 147) “Onde essas vozes infantis *me* (grifo meu) fizeram chegar?” é importante, porque mostra que as autoras, no seu fazer, assumiram um lado qualitativo ímpar, que é a imensa plasticidade da criança para aprender, dispondo-se a aprender com elas. Dois pontos se destacam: aprender com/falar a partir de si mesmas e do mundo. A questão necessitaria ainda de um maior avanço, o de relativizar ou dimensionar a presença muito forte das autoras em todo o contexto descrito e analisado.

Os artigos entrelaçam histórias pessoais, trajetórias, percursos e vivências singulares, na vida e nas pesquisas de cada uma das autoras, daí todos os textos serem narrados na primeira pessoa resultando o aprender com as crianças, mas, não uma presença menor, mais relativa do próprio adulto no discurso. O lugar ocupado pelas pesquisadoras como lugar de onde se fala é ainda muito presente e intenso. Se a criança e suas muitas vozes levam o adulto a rever-se no sentido de re-aprender com ela a olhar o mundo, a contraface da questão exige ainda, muita reflexão - aqui brilhantemente iniciada pelas

pesquisadoras cariocas - para atingir os objetivos propostos. Sem dúvida, esta coletânea consiste numa publicação de primeira linha, inovadora e séria, cuja leitura se recomenda a todos, pedagogos ou não.

Nota

1. Fabietti, U. Sulla comprensione della differenza culturale: il punto di vista dell'antropologia. In F. Poletti, (org.) *L'Educazione Interculturale*. Florença, ed. Nuova Italia, 1992, p. 3-27.

JOGO, BRINQUEDO, BRINCADEIRA E A EDUCAÇÃO

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação*. São Paulo: Cortez, 1996, 183 pp.

*Patrícia Dias Prado**

Lançando uma valiosa discussão sobre a natureza do jogo, suas manifestações e funções, esta obra contempla nove artigos de docentes e pesquisadores das áreas do ensino de Matemática, Pré-Escola, Meios de Comunicação de Ensino, Educação Especial e Psicologia Escolar, complementando, portanto, tal discussão, no que tange a utilização do jogo em áreas de ensino e de formação de professores.

No primeiro artigo, “*O jogo na educação infantil*”, Tizuko Morchida Kishimoto discute a natureza conceitual e o significado do jogo, assim como, sua apropriação no campo da educação, através de uma perspectiva histórica, que por sua vez, demonstra a amplitude dos fenômenos e suas significações. A autora também aponta para as especificidades dos termos brincadeiras, brinquedos, material pedagógico e jogo/brinquedo educativo, que carregam a dimensão da criança e delinham o espaço do trabalho docente.

* Mestranda da Faculdade de Educação UNICAMP